



COLÓQUIO
CURRÍCULO
2017

Educação,
Formação &
Crioulidade

6 e 7 de julho
em Cabo Verde

OS ESPAÇOS E TEMPOS DE TESSITURA DAS REDES VIVENCIADAS PELOS SUJEITOS PRATICANTES DA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA NAS/COM AS REDES SOCIAIS

Dr^o. Wellington Machado Lucena

Faculdade Estácio de Vila Velha/ES; NUPEC - Universidade
Federal do Espírito Santo, UFES (BRASIL)

E-mail: msclucena@hotmail.com

OS ESPAÇOS TEMPOS DE TESSITURA DAS REDES VIVENCIADAS PELOS SUJEITOS PRATICANTES DA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA NAS/COM AS REDES SOCIAIS

Reunimos neste texto discussões realizadas em meio aos contextos cotidianos das redes sociais como campos temáticos que buscam destacar os espaçostempos de tessitura das redes vivenciadas pelos sujeitos praticantes (CERTEAU, 1994) da escola. Assim, evidenciamos aqui as tessituras realizadas pelos estudantes de escolas públicas do município de Vitória/ES-Brasil, envolvidos na pesquisa “Currículos realizados nos cotidianos de escolas públicas das séries iniciais do ensino fundamental: sobre narrativas e imagens produzidas com os usos, traduções e negociações como potência para a ampliação das redes de conhecimentos dos sujeitos praticantes”. A realização da referida pesquisa nos deu condições de problematizar a partir das pesquisas nos/com os cotidianos, algumas relações entre os sujeitos praticantes e os currículos tecidos em redes nos cotidianos das escolas. O interesse na problematização se deu pelos encontros e aproximações humanas potencializados pelos usos das redes sociais.

**CURRÍCULOS EM REDES, CULTURAS
E COTIDIANOS EM
IMAGENS NARRATIVAS E REDES
SOCIAIS**

Reunimos neste texto discussões realizadas em meio aos contextos cotidianos como campos temáticos das discussões que buscam destacar os espaçostempos de tessitura das redes vivenciadas pelos sujeitos praticantes (CERTEAU, 1994) da escola. Desta forma evidenciamos aqui as tessituras realizadas pelos alunos da turma do da 8ª série de uma escola pública do município de Vitória – ES, compreendendo que “esses contextos são, sempre – mesmo quando achamos que não são -, articulados uns aos outros, embora de modo desigual e com diferentes intensidade, e se interinfluenciando, permanentemente” (ALVES, 2010, p. 55).

A realização da pesquisa com os cotidianos desta escola nos deu condições de problematizar a partir das relações existentes entre os sujeitos praticantes e aparatos curriculares. De acordo com Alves e Oliveira (2002, p.87) “o cotidiano é o conjunto de atividades que desenvolvemos no nosso dia-a-dia, tanto que nelas é permanência (o seu conteúdo) quanto do que nelas é singular (as suas formas)”. Para Certeau (1994, p. 31) “O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior.”

A nossa opção metodológica pela pesquisa com os cotidianos nos leva a dialogar com os sujeitos praticantes (CERTEAU, 1994) interessados em problematizar sobre os usos em meio às estratégias e táticas desenvolvidas no cotidiano da escola. Táticas que para Certeau (1994) é a arte do fraco, elas organizam um novo espaço, um lugar praticado. As táticas são assim descritas pelo autor como movimentos que fogem às operações de poder que tentam controlar um “espaço”. “[...] chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro”.

(CERTEAU, 1994 p. 100). No espaço descrito por Certeau (1994) são constantes os cruzamentos de movimentos, ou uma série de operações que marcam esse lugar transformado por táticas, que fazem uso da linguagem como forma de poder.

Na perspectiva das redes, nossa principal intenção na produção deste trabalho é propor uma problematização com os sujeitos praticantes da escola, no sentido de produzir outras redes de conhecimento a partir das relações estabelecidas nesses cotidianos e nos usos realizados dos artefatos tecnológicos disponíveis ou trazidos para a escola que são afetadas pela forte influência das questões relacionadas à vivência, experiências, religiosidade, crenças, questões econômicas, entre outras (FERRAÇO e NUNES, 2012).

Como afirmam Ferrazzo e Nunes (2012), com isso, buscamos nos aproximar das redes que envolvem os sujeitos das escolas por meio de suas teorias práticas produtoras de imagens narrativas agenciadoras de currículos, buscando entender quais são os principais sentidos partilhados nessas redes para as noções de currículo e cultura, ao serem tecidas com outros tantos cotidianos em que vivem esses sujeitos.

**OUTROS CONTEXTOS COTIDIANOS
PARA ALÉM DO FÍSICO: OS USOS DE
MÍDIA E TECNOLOGIAS E REDES
SOCIAIS**

Na pesquisa realizada junto aos alunos/as através de questionários que foram utilizados como instrumentos na produção dos dados que nos ajudariam a compreender as tramas das redes que se estabeleciam nestes cotidianos, percebemos como o uso de tecnologias é presente em grande parte das falas dos alunos/as principalmente em relação ao contato com amigos. Os usos do celular, computador, internet, Facebook, Orkut, MSN e Twitter são realizados na mesma dimensão. As novas tecnologias surgem como outras possibilidades de encontros e conversas para esses jovens como redes tecidas além do encontro físico, do limite geográfico, das paredes do quarto, “contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização.” (Lévy, 1996, p.16).

A possibilidade da informação em abundância e em 24 horas faz destas tecnologias, assim como a televisão e o rádio, um artefato integrado ao corpo. Ele está ali sempre presente, estas relações envolvem instâncias econômicas, culturais e políticas como nos fala Larrosa (2004). São experiências que nos tocam e que nos acontecem. As redes estabelecidas no espaço escolar sempre produzem novos sentidos. É um celular que nunca desliga envia um torpedo, um computador conectado ao MSN mostra uma mensagem piscando na tela, o Twitter pedindo atualização, o Orkut dizendo quem você é ou como gostaria de ser visto, a novela que passa na TV entendia e cria moda, dita tendências, mas os seus capítulos são adiantados em algum programa de rádio.

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente. (Lévy, 1996, p.21).

Assumimos, que todas as aproximações que fazemos do que os alunos e alunas produziram nos dão pistas para pensar que os conhecimentos já não devem ser considerados a partir de caracterizações globalizadas, mas tidos como saberes que são tecidos por meio das táticas e das estratégias, dos diversos usos de tudo aquilo que compõe o cotidiano; por meio das redes em que são praticados, numa multiplicidade de encontros, significações, contextos. A metáfora da rede, portanto subverte o papel de inferioridade dos conhecimentos da vida cotidiana em relação aqueles estabelecidos como conhecimentos científicos. E, nesse momento, lembramos o que Alves (2002) já ensinou, possibilitando acreditar em novas alternativas, outros saberes: “[...] há modos de fazer e de criar conhecimentos no cotidiano diferentes daqueles aprendidos na modernidade” (p.17).

Referências Bibliográficas

ALVES, N. Dois fotografos e imagens de crianças e seus professores: as possibilidades de contribuição de fotografias e narrativas na compreensão de espaçostempos de processos curriculares. In: OLIVEIRA, I. B. et al. (Org.) Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis: DP et Aliii.; Rio de Janeiro: Faperj, 2010. p. 185-196

ALVES, N. ; OLIVEIRA, I. B. Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo de currículo. In: LOPES, A. C. ; MACEDO, E. (Org). Currículo: debates contemporâneos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 78-102

BAUMAN, Z. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CANCLINI, N. G. Leitores, espectadores e internauta. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CANDAU, V. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In: CANDAU, V. Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

CARVALHO, J. M. Cotidiano escolar como comunidade de afetos. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DUBOIS, P. Cinema, vídeo, Godard. Tradução de Mateus Araújo Silva. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FERRAÇO, C. E. Currículos realizados nos cotidianos de escolas públicas das séries iniciais do ensino fundamental: sobre narrativas e imagens produzidas com os usos, traduções e negociações como potência para a ampliação das redes de conhecimentos dos sujeitos praticantes. Projeto incorporado ao CNPq, agosto de 2009.

FERRAÇO, C. E. ; NUNES, K. R. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos pensados/praticados pelos praticantes/pensantes dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, C. E. ; CARVALHO, J. M. (Org.). Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Vitória, ES: Nupec/Ufes, 2012. p. 71-104

FISCHER, R. M. B. Mídia e educação: em cena, modos de existência jovem. *Educar em Revista*, Curitiba (PR), UFPR, n. 26, p. 17-38, 2005.

GOMES, M. R. L. As múltiplas práticas-políticas de currículos formação tecidas com os cotidianos como possibilidades de potencialização da vida e dos sentidos das escolas. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

LARROSA, J. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. n. 19, jan. /fev. /mar. /abr. 2002.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

_____. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

PRETTO, N. L. *Reflexões: ativismo, redes sociais e educação*. Salvador: Edufba, 2013.

FISCHER, R. M. B. Mídia e educação: em cena, modos de existência jovem. *Educar em Revista*, Curitiba (PR), UFPR, n. 26, p. 17-38, 2005.

GOMES, M. R. L. As múltiplas práticas-políticas de currículos formação tecidas com os cotidianos como possibilidades de potencialização da vida e dos sentidos das escolas. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

LARROSA, J. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. n. 19, jan. /fev. /mar. /abr. 2002.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

_____. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

PRETTO, N. L. *Reflexões: ativismo, redes sociais e educação*. Salvador: Edufba, 2013.

RECUERO, R. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo*

RECUERO, R. A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

VICTORIO FILHO, A. Cultura dos jovens: fricções e colisões entre a oficialização e a rebeldia da beleza. In: OLIVEIRA, I. B. et al. (Org.). Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis: DP et Aliii:, Rio de Janeiro: Faperj, 2010. p. 103-122